

# OS CIÚMES DE UM PEDESTRE

Martins Pena

[OU

O TERRÍVEL CAPITÃO DO MATO]

Comédia em 1 ato

## PERSONAGENS

ANDRÉ JOÃO, pedestre

BALBINA, sua filha

ANACLETA, sua mulher

ALEXANDRE, amante de Balbina

PAULINO, amante de Anacleta

ROBERTO, pai de Anacleta

O cabo da patrulha

Soldados permanentes

A cena passa-se no Rio de Janeiro.

[ATO ÚNICO]

Sala ordinária. Porta no fundo e laterais. No segundo plano, à direita, um armário, e à esquerda, uma escada de mão, que se supõe conduzir a uma trapeira sobre o telhado. No alto de cada uma das portas laterais haverá um buraco. Uma mesa, sobre a qual estará uma vela apagada. É noite.

### CENA I

Ao levantar do pano, estará a cena às escuras e só. Ouve-se dar meia-noite em um sino ao longe. Logo que tenha expirado a última badalada, aparece PAULINO sobre a escada e principia a descer com precaução.

PAULINO, *ainda no alto da escada* – Meia-noite. São horas de descer... (*Principia a descer.*) Ele saiu... Anda a estas horas em procura de negros fugidos... Que silêncio! O meu bem ainda estará acordado? A quanto me exponho por ela! Escorreguei no telhado e quase caí na rua. Estava arranjado! Mas, enfim, o telhado é o caminho dos gatos e dos amantes à polca... Mas cuidado com o resultado! (*Neste tempo está nos últimos degraus da escada.*) Ouço rumor

### CENA II

BALBINA, da esquerda, metendo a cabeça no buraco da porta.

BALBINA, *chamando* – Minha madrasta? Minha madrasta?

PAULINO, *à parte* – Mau! A filha está acordada...

BALBINA, *no mesmo* – D<sup>a</sup>. Anacleta? D<sup>a</sup>. Anacleta?

ANACLETA, *da direita, metendo a cabeça no buraco da porta* – O que queres, Balbina?

PAULINO, *à parte* – É ela...

BALBINA – Já deu meia-noite...

ANACLETA – E foi só para me dizeres isso que me chamaste? Vai dormir, que eu não estou para conversar a estas horas e de poleiro... Adeus.

BALBINA – Pelo amor de Deus, espere!

ANACLETA – Para quê?

BALBINA – Estou com medo...

ANACLETA – Ora, não sejas criança. Vai dormir.

BALBINA – Não posso... Eu estava cosendo; fui espevitar a vela e apaguei-a... Fiquei às escuras. Nisso deu meia-noite... Arrepiaram-se-me os cabelos..... Levantei-me e ia meter-me na cama assim mesmo vestida, quando ouvi as tábuas do forro estalarem como se uma pessoa andasse sobre elas...

PAULINO, *à parte* – E não enganou-se...

ANACLETA – O medo é que te fez crer isso.

BALBINA – Não, não foi o medo, bem ouvi... E fiquei com tanto susto, que nem ousava respirar. Afinal, cobrei ânimo para chegar até aqui e chamar-lhe.

ANACLETA – Quem pode a estas horas andar lá pelo forro?

PAULINO, *à parte* – Eu...

BALBINA – Não sei.

ANACLETA – Foi engano teu. As tábuas à noite estalam com o calor.

BALBINA – Bem pode ser; mas tenho medo. Não posso ficar só às escuras, morrerei de susto. Se eu pudesse ir para lá...

ANACLETA – Bem sabes que é impossível. Ambas estas portas estão fechadas e teu pai levou as chaves.

BALBINA – Meu Deus! Mas fique aí conversando comigo, até que meu pai entre.

ANACLETA – Isto é, queres que fiquemos aqui até de madrugada, que é a hora que ele volta?

PAULINO, *à parte* – Muito bem, não enganei-me!

BALBINA – Meu Deus, meu Deus, por que meu pai desconfia tanto de nós, que nos deixa assim fechadas cada uma no seu quarto? Se ao menos nos deixasse juntas!

ANACLETA – Ele diz que uma mulher só é capaz de enganar ao diabo, e que duas juntas enganariam o inferno em peso.

PAULINO, *à parte* – Que tal o pedestre? E o mais é que não deixa de ter sua razãozinha...

BALBINA – E por isso deixa-nos presas e separadas quando sai para suas deligências. Pois olhe: se meu pai continua a desconfiar assim e aperta comigo, eu prego-lhe alguma.....

ANACLETA – E eu também.

PAULINO, *à parte* – Bravo, isso mesmo é o que eu quero...

BALBINA – Nunca lhe dei motivos para assim tratar-me.

ANACLETA – E eu, que motivos lhe tenho dado? O remédio é ter paciência. Adeus.

BALBINA – Não, não, espere!

ANACLETA – Escuta. Vai à gavetinha da mesa que está aí no canto à esquerda, tira uma caixinha de fósforo que lá guardei esta manhã, e acende a tua vela.

BALBINA – Pois sim, mas não saia daí enquanto eu procuro o fósforo.

ANACLETA – Medrosa! Pois vai, que fico esperando.

BALBINA – Pelo amor de Deus, não saia daí! (*Desaparece do buraco.*)

### CENA III

[BALBINA,] PAULINO, e ANACLETA no buraco da porta.

PAULINO, *à parte* – Vamo-nos aproximando... (*Caminha com precaução para aonde ouve a voz de Anacleta.*)

ANACLETA – Pensa meu marido que se guarda uma mulher prendendo-a debaixo de sete chaves! Simplório! Não sabe que quando elas não se guardam a si mesmas, nem quantas fechaduras e portas há são capazes de as reter. O pior às vezes é desconfiar.

PAULINO, *à parte, caminhando* – Não há dúvida, o pior é desconfiar...

ANACLETA – Os ciúmes despropositados de alguns maridos fazem com que as mulheres pensem em coisas que nunca lhe passariam pela cabeça, se eles tivessem mais confiança.

PAULINO, *à parte* – Pobres maridos! Eu arrisco-me a falar-lhe...

ANACLETA – Se o meu não me atormentasse com ciúmes, eu não teria de certo dado atenção ao meu vizinho...

PAULINO, *à parte* – Ai que fala da pessoa!

ANACLETA – Pois como desconfia de mim, hei de namorar o vizinho, ainda que não seja para vingar-me...

PAULINO, *alto* – Sim, sim, meu bem, vinga-te! Aqui estou eu para vingarmos!

ANACLETA – Ai, ai, ladrões! (*Sai do buraco e continua a gritar dentro.*)

PAULINO, *assustado, batendo na porta* – Fi-la bonita! Espantei-a! Sou eu, sou eu! É o vizinho... Não sou ladrão, não grite... Olhe que sou eu... (*Anacleta continua a gritar dentro.*) Pior! Isto não vai bem... (*Batendo na porta:*) Sou eu, sou o vizinho amado... Tome esta cartinha... por baixo da porta... (*Assim dizendo, mete uma carta debaixo da porta. Balbina aparece no buraco da porta à direita.*)

BALBINA – O que é? Que gritos são estes?

PAULINO, *à parte* – Mal vai ela... Safemo-nos, há já uma de mais... (*Encaminha-se para sair.*)

BALBINA – Minha madrastra? (*Paulino cai sobre uma cadeira.*) Quem está aí?

PAULINO, *perdendo a cabeça* – Não é ninguém...

BALBINA *sai do buraco e principia a gritar* – Ladrões, ladrões!

PAULINO, *só e assustado* – Mais esta! O melhor é safar-me... Como grita! Que goelas! Se chega o pedestre, estou arranjado! Namoro de telhado dá sempre nisto... Aonde diabo está a escada? (*Esbarrando-se no armário:*) Isto é um armário... Estou desorientado... Calaram-se. A escada deve estar deste lado... Ouço passos! Meu Deus, será ele?

PEDESTRE, *dentro* – Anda para diante...

PAULINO – Oh, diabo, é ele! Se aqui me pilha, mata-me... Ou ao menos leve-me para a Correção. (*Procura a escada com ansiedade.*) Ah, enfim! (*Vai a subir apressado e a escada rebenta pelo meio, e ele rola pela cena.*) Ai, ai! (*Levantando-se apressado:*) Maldito namoro! Que hei de fazer? A escada quebrou-se! Abrem a porta! Jesus! (*Procura o armário.*) Ah! (*Esconde-se no armário.*)

#### CENA IV

Abre-se a porta do fundo e por ela entra o PEDESTRE com uma lanterna de furta-fogo na mão esquerda e trazendo preso, na mão direita, pela gola da camisa, ALEXANDRE, disfarçado em negro.

PEDESTRE – Entra, paizinho...

ALEXANDRE – Sim sinhô... *(O Pedestre, depois de entrar, fecha a porta por dentro.)*

PEDESTRE – Agora foge...

ALEXANDRE – Não sinhô... *(O Pedestre acende uma vela que está sobre a mesa e apaga a lanterna.)*

PEDESTRE, *enquanto acende a vela* – Quem é teu senhor?

ALEXANDRE – Meu sinhô é sinhô Majó, que mora na Tijuca.

PEDESTRE – Ah! e que fazias tu à meia-noite na rua, cá na cidade?

ALEXANDRE – Estava tomando fresco, sim sinhô.

PEDESTRE – Tomando fresco! Olha que patife... Estavas fugido.

ALEXANDRE – Não sinhô.

PEDESTRE – Está bom, eu te mostrarei. Hei de te levar amarrado a teu senhor. *(À parte:)* Mas há de ser daqui a quatro dias, para a paga ser melhor. *(Para Alexandre:)* Vem para cá. *(Encaminha-se com Alexandre para a segunda porta à esquerda e quer abri-la.)* É verdade, está fechada... E a chave está lá dentro do quarto de Balbina. *(Para Alexandre:)* Espera aí. Se dás um passo, dou-te um tiro.

ALEXANDRE – He!

PEDESTRE – He, hem? Vê lá! *(Encaminha-se para a porta do quarto de Balbina, tira da algibeira uma chave e abre a porta. Balbina, ouvindo da parte de dentro abrirem a porta, principia a gritar.)*

BALBINA, *dentro* – Ai, ai! Quem me socorre? Quem me socorre?

PEDESTRE – Que é lá isso? Balbina, por que gritas? Sou eu. *(Abre a porta e entra no quarto.)* Que diabo!

#### CENA V

ALEXANDRE, PAULINO espiando da porta do armário e ANACLETA espiando pelo buraco da porta.

ALEXANDRE, *com o seu falar natural* – Estou só... Tomei este disfarce, o único de que me podia servir para introduzir-me nesta casa, a fim de falar à minha querida Balbina... Com que vigilância a guarda o pai! Quem sabe como me sairei desta empresa... Quem sabe... Talvez muito mal; o pedestre é endiabrado... Coragem, agora nada de fraqueza...

PAULINO, *à parte, do armário* – Estou arranjado! Como sair daqui?

ANACLETA, *chegando ao buraco da porta* – Um negro! Meu marido já entrou... E o vizinho? A carta era dele... Sairia?

PAULINO, *vendo Anacleta no buraco* – É ela! Psiu...

ALEXANDRE, *voltando-se* – Quem chama? *(Paulino e Anacleta, vendo o negro voltar-se, desaparecem.)* Aqui há gente... Mau, já não vou gostando... *(Olhando espantado ao redor de si.)*

#### CENA VI

Entra o PEDESTRE e BALBINA.

PEDESTRE – Por que gritavas?

BALBINA – Pensei que eram ladrões. Ouvi bulha aqui na sala...

ALEXANDRE, *à parte* – Como o meu coração bate! Prudência... (*Principia a fazer sinais para Balbina.*)

PEDESTRE – Fui eu que entrei, e mais cedo do que costume. Encontrei este tratante dormindo na calçada, aqui mesmo defronte da porta. Estava tomando fresco... Ladrões, dizes tu? Ladrões em casa de pedestre? Tão tolos não são eles. Aqui não há que roubar, e vinham entregar-se com a boca na botija, pois não?

BALBINA, *reconhecendo Alexandre* – Meu Deus!

PEDESTRE – Hem?

BALBINA, *disfarçando* – Nada, não senhor. (*À parte:*) Que loucura! (*Neste tempo Alexandre tem na mão uma cartinha, que mostra a Balbina.*)

PEDESTRE – Anda, vai-te deitar, que estás sonhando. E tu... (*Volta-se para Alexandre e o surpreende mostrando a carta a Balbina.*) Ah! (*Salta sobre ele e arranca-lhe a carta.*)

BALBINA, *à parte* – Meu Deus!

PEDESTRE – Ah, patife, tu trazes cartinhas! (*Voltando-se para a filha:*) E tu as recebes... Velhaca!

BALBINA, *recuando* – Meu pai!

PEDESTRE – Vejamos quem te escreve, para depois castigar-te. (*Abre a carta e lê:*) “Meu amor... (*Falando:*) Ah, já és seu amor? (*Continuando a ler:*) Apesar das cautelas de teu pai, um stratagema me conduzirá junto de ti... (*Falando:*) Ah, um stratagema! (*Olha receoso ao redor de si*)... e arrancando-te à sua crueldade, serás minha esposa.” (*Falando:*) Não tem assinatura... (*Fica pensativo.*)

BALBINA, *à parte* – Eu tremo!

ALEXANDRE, *à parte* – O que fará? Em boas meti-me!

PEDESTRE *caminha para Alexandre sem dizer palavra e dá-lhe uma bofetada* – Principio por ti ... (*Alexandre, esquecendo-se do caráter que representa, quer ir sobre o Pedestre, mas vendo Balbina, que com as mãos postas pede-lhe que se modere, contém-se. Pedestre, agarrando Alexandre pela gola da camisa:*) Quem mandou esta carta?

ALEXANDRE, *à parte* – Felizmente não me conhece...

PEDESTRE – Quem mandou esta carta? Fala, ou eu...

ALEXANDRE – Não sei, não sinhô; foi um branco que me deu.

PEDESTRE – Que branco?

ALEXANDRE – Não sei, não sinhô.

PEDESTRE – Ah, não sabes? (*Querendo puxar da espada.*)

BALBINA – Meu pai!

PEDESTRE – Espera tu, que temos também que falar. (*Para Alexandre:*) Então? Quem é o branco?

ALEXANDRE – Eu vou contá tudo. Um branco me disse: José, toma dez tostões; quando dé meia-noite vai para o Beco dos Aflitos fazê negro fugido... E quando o pedestre que mora lá mesmo no Beco dos Aflitos sair, deixa ele prendê você e levá para casa... E entrega esta cartinha à sinhá Balbina... Está... Mas não sei quem é o branco... Foi para ganhar dez tostões...

PEDESTRE – Hum, é assim? Que trama! Vem cá, negrinho da minha alma, tratante... Amanhã, hem? Correção, cabeça rapada e... (*Faz sinal de dar pancada.*) Mas antes, hem? meu negrinho, hei de te dar uma reverendíssima maçada de pau bem repinica-dinha. Vem cá, meu negrinho...

ALEXANDRE, *querendo resistir* – Mas sinhô...

PEDESTRE – Vem cá, vem cá... *(Vai levando-o para o segundo quarto à esquerda e mete a chave na fechadura, para abrir a porta.)*

BALBINA, à parte, enquanto o Pedestre abre a porta – Pobre Alexandre, a quanto se expõe ele por mim! Mas que loucura a sua, assim disfarçar-se!

PAULINO, à parte, espiando do armário. Isto principia muito mal... E acabará ainda pior!

PEDESTRE, empurrando Alexandre para dentro do quarto – Entra! *(Fecha a porta e tira a chave.)*

BALBINA, à parte, a tremer de susto – Ai de mim! Matai-me, meu Deus! *(Pedestre encaminha-se para Balbina e, chegando junto dela, observa-a por alguns instantes, calado. Balbina treme de susto, enquanto o pai a observa. Pedestre, sem dizer palavra, volta-se, e abrindo a gaveta da mesa, dela tira uma palmatória. Balbina, vendo-o tirar a palmatória.) Ah!*

PEDESTRE, indo para ela – Dá cá a mão!

BALBINA – Meu pai!

PEDESTRE – Dá cá a mão!

BALBINA – Oh! *(Recuando.)*

PEDESTRE, seguindo-a – Dá cá a mão!

BALBINA, escondendo as mãos atrás das costas – Não sou criança para levar de palmatória!

PEDESTRE – Não és criança... Mas és namorada, e eu cá ensino as namoradeiras a palmatória. Santo remédio! Venha!

BALBINA – Meu pai, meu pai, pelo amor de Deus!

PEDESTRE – Ah, a menina tem namorados, recebe cartinhas e quer casar-se contra minha vontade! Veremos... Venha, enquanto está quente... Venha!

BALBINA, caindo de joelhos – Por piedade!

PEDESTRE – Só quatro dúzias, só quatro dúzias...

BALBINA – Oh, não, não, meu pai! *(Abraçando-lhe as pernas)* Meu pai, que lhe fiz eu? Que culpa tenho eu, se me escrevem? Posso eu impedir que me escrevam?

PEDESTRE – Pode, pode! Não dê corda! Venha!

BALBINA – Mas isso é uma injustiça! Eu não conheço ninguém, não vejo ninguém, vivo aqui fechada...

PEDESTRE – Quanto mais se não vivesse...

BALBINA – Que culpa tenho, se alguém se lembra de escrever-me? Não posso prevenir isso... Escrevem-me, mandam a carta por um negro... e sou eu quem pago, eu, que não tenho culpa nenhuma! Meu pai, perdoe-me! Indague quem foi a pessoa que escreveu-me e castiga-o... Mas eu? Oh, perdão, meu bom paizinho!

PEDESTRE – Levanta-te. Olha, tu não levarás os bolos por esta, mas também não me hás de embaçar mais. Porém quero saber quem é o sujeitinho que quer armar o estratagem para lograr-me. Lograr-me! A mim, que sou macaco velho no ofício... Quero ver se é capaz de pôr o pé nesta casa ou se te fará dar um só passo daqui para fora. Então, não sabes ele quem é?

BALBINA – Já lhe disse que não, meu pai.

PEDESTRE – Está bem, chama tua madrasta. Toma a chave. Ela mo dirá. *(Balbina vai abrir a porta e sai por ela.)*

## CENA VII

PEDESTRE, e PAULINO no armário. PEDESTRE passeia, pensativo, de um para outro lado da sala.

PAULINO, *à parte, no armário* – No que diabo estará ele pensando!

PEDESTRE – Estratagema! Qual será o estratagema? É preciso toda a cautela... Ora, eis aí está! Fecham-se, aferrolham-se estas mulheres e elas sempre acham uma abertazinha para nos pregarem mesmo na menina do olho... Ah, mas deixem-nas comigo... Só fica logrado aquele que as não conhece. Porta sempre fechada – e os melros que andem por fora da gaiola...

PAULINO, *à parte, no armário* – Dentro já estou eu...

ALEXANDRE, *à parte, no buraco da porta* – Eu cá estou de dentro...

PEDESTRE – Veremos quem é capaz de lograr-me .. Lograr André Camarão! Cá a menina, levarei a palmatória. Santa panacéia para namoros! E minha mulher... Oh, se lhe passar somente pela ponta dos cabelos a idéia de enganar-me, de se deixar seduzir... Ah, nem falar nisso, nem pensar! Eu seria um tigre, um leão, um elefante! A mataria, a enterraria, a esfolaria viva. Oh, já tremo de furor! Vi muitas vezes *Otelo* no teatro, quando ia para platéia por ordem superior. O crime de Otelo é uma migalha, uma ninharia, uma nonada, comparado com o meu... Enganar-me! Enganar, ela! Ah, nem sei do que seria capaz! Amarrados ela e o seu amante, os mandaria de presente ao diabo, acabariam na ponta desta espada, nas unhas destas mãos, no talão destas botas! Nem quero dizer do que seria capaz.

PAULINO, *à parte, no armário* – Deus se compadeça de mim!

PEDESTRE – Oh, mataria o gênero humano, se o gênero humano seduzisse minha mulher!

PAULINO, *à parte* – Quem me reza por alma?

PEDESTRE – Ela que chega... E eu não me fio nela...

### CENA VIII

Os mesmos, ANACLETA e BALBINA.

ANACLETA – Mandou-me chamar?

PEDESTRE – Sim, espere. E tu, (*para Balbina*) vai aquecer uma xícara de café, que tenho a cabeça muito esquentada. (*Balbina sai.*)

PAULINO, *à parte* – Atenção...

PEDESTRE, *para Anacleta* – Chegue-se para cá. (*Assenta-se.*)

ANACLETA, *aproximando-se* – Aqui me tem.

PEDESTRE – Quem vem a esta casa quando eu estou fora?

PAULINO, *à parte* – Ninguém...

ANACLETA – Zombas comigo? (*Olhando ao redor de si:*) Ele saiu...

PEDESTRE – Responda ao que lhe pergunto. Quem vem a esta casa?

ANACLETA – Quando saís não fechas todas as portas e não nos deixas presas cada uma de seu lado? Como queres que aqui venha alguém?

PEDESTRE, *levantando-se* – Portas fechadas! Que valem portas fechadas? As fechaduras não têm buraco?

ANACLETA, *à parte* – Com que homem casei-me eu!

PEDESTRE, *à parte* – Hei de ver se descubro umas fechaduras sem buraco... (*Alto:*) Anacleta, ouve bem o que te vou dizer. Tu me conheces, e sabes se sou capaz de fazer o que digo – e ainda mais. Sempre que saio deixo esta casa fechada, portas e janelas, e sempre que aqui estou tenho os olhos alerta. E apesar de todas estas cautelas, Balbina enganou-me.

ANACLETA – Enganou-te?

PEDESTRE – Tem um amante, recebe cartinhas e está fiada em um estratagema para lograr-me. (*Olha ao redor de si.*) Mas isso veremos... Mas onde diabo viu ela esse

sujeito? Quando, como? Aqui está o que me amofina, o que derrota a minha finúria de pedestre e faz-me andar a cabeça à roda. Tantas cautelas, e por fim logrado! Ah, mulheres! Diabos! Vamos, tu deves saber quem é ele? Como se chama? Onde foi que Balbina o viu? Em que lugar? Por que buraco? Por que greta?

ANACLETA – Nada sei.

PEDESTRE, *pegando-lhe no braço, furioso* – Nada sabes?

ANACLETA – Não!

PEDESTRE – Mulher!

ANACLETA – Matai-me, porque deixarei de sofrer!

PEDESTRE – Matar-te! Isso fica para quando o mereceres... Por ora, basta que eu seja mais cauteloso. Todas as portas, todas as janelas desta casa vão ser pregadas a prego... Um pequeno postigo naquela porta – quanto caiba meu corpo – será bastante para eu sair... E o postigo fechará como uma tampa de caxeta e aldraba – nada de fechaduras com buraco! A luz virá pelo telhado... Não, não, os telhados andam também muito perigosos... Uma candeia de dia e de noite estará acesa aqui. Quero ver se assim me logram.

ANACLETA, *com muita tranqüilidade* – Agora que te ouvi, ouve-me também. Fecha todas estas portas, prega-as, calafeta-as, rodeia-me de vigias e cautelas, que eu hei de achar uma ocasião para fugir!

PEDESTRE – Tu? Oh!

ANACLETA – Eu, sim! E irei direitinha daqui para o Recolhimento, donde saí, depois de queixar-me às autoridades.

PEDESTRE – Tu és capaz de fugir daqui?

ANACLETA – Sou sim!

PEDESTRE – Meu Deus, como hei de eu fechar estes demônios, estas endiabradas?

ANACLETA – Minha mãe – Deus a perdoe! – lançou-me na roda dos enjeitados. Na Santa Casa fui criada e educada...

PEDESTRE – Boa educação!...

ANACLETA – Privada dos carinhos maternos, pobre e abandonada como eu era, encontrei nessa casa de misericórdia cristã amparo e proteção; nela cresci e nela aprendi a orar a Deus pelos meus benfeitores e por minha mãe, que me havia abandonado, minha mãe, de quem só possuo no mundo esta cruz que desde o berço me acompanha... (*Assim dizendo, beija uma cruzinha que traz pendente ao pescoço.*)

PEDESTRE – Esta história eu já ouvi muitas vezes, e faz-me sono...

ANACLETA – Pois dorme.

PEDESTRE – Assim era eu tolo. .. Quem se casa não dorme, ou... Bem sei o que digo.

ANACLETA – Então vai ouvindo. Como recolhida, tive quatrocentos mil-réis de dote... E tu te casaste comigo por causa desses quatrocentos mil-réis, e só por eles.

PEDESTRE – Eu os daria agora a quem me livrasse da pensão de te guardar.

ANACLETA – E deixei assim uma habitação de paz por este inferno em que vivo. Oh, mas estou resolvida, tomarei uma resolução. Fugirei desta casa, onde vivo como miserável escrava; irei ter com meus benfeitores, contar-lhes-ei o que tenho sofrido desde que os deixei. Pedirei justiça, para mim e para tua primeira vítima... Oh, recorda-te bem, André, que tua primeira mulher, a infeliz mãe de Balbina, morreu arrebatada de desgostos, e que teus loucos ciúmes abriram-lhe a sepultura...

PEDESTRE – Morreu para minha tranqüilidade; já não é preciso vigiá-la...

ANACLETA – Oh, que monstro!



PEDESTRE – Anacleta! Anacleta! Tu queres pregar-me alguma! Nunca te ouvi falar assim, e se agora o fazes, é que te sentes culpada...

ANACLETA – Não, é que me sinto cansada; já não posso com esta vida; não quero morrer como ela.

PEDESTRE – Até agora tenho-te tratado como um fidalgo, nada te tem faltado, a não ser a liberdade...

ANACLETA, *à parte* – É o necessário...

PEDESTRE – Confiava em ti... porque tinha sempre a minha porta fechada. Mas minha filha enganou-me, apesar das portas fechadas, e tu também me enganarás...

ANACLETA – Oh!

PEDESTRE, *com voz concentrada* – Se é que já não me enganaste!

ANACLETA – Isto é muito!

PEDESTRE, *pegando-lhe pelo braço* – Mulher, se eu tivesse a mais pequena desconfiança, o menor indício que... bem me entendes... eu... eu... te mataria!

ANACLETA, *recuando, horrorizada* – Ah!

PEDESTRE, *caminhando para ela* – Sim, a minha afronta eu lavaria no teu sangue, e a minha... (*Aqui vê ele no seio da mulher a ponta da carta que Paulino meteu por baixo da porta e que ela apanhou, e com rapidez a arrebatou.*)

ANACLETA – Ah! (*À parte:*) Estou perdida!

PEDESTRE, *com a carta na mão* – Uma carta! Hoje já são duas! Chovem cartas em minha casa, apesar das portas fechadas! Ela também! (*Indo para Anacleta:*) De quem é esta carta? Eu tremo de a ler!

ANACLETA – Esta carta?

PEDESTRE – Sim!

ANACLETA – Não sei...

PEDESTRE – Oh! (*Abrindo a carta com furor e amarrotando-a nas mãos:*) Ei-la! (*Arredando-a dos olhos, todo trêmulo.*)

ANACLETA, *suplicante* – André!

PEDESTRE – A prova da minha desonra! (*Tomando-a pelo braço, a conduz para junto da vela que está sobre a mesa.*)

ANACLETA – Deixai-me! O que queres de mim?

PEDESTRE, *apresentando-lhe a carta à luz da vela* – Lê!

ANACLETA – André, piedade! (*Muito aterrorizada.*)

PEDESTRE – Lê comigo! (*Lendo:*) “Minha bela Anacleta...

ANACLETA, *repetindo* – Minha bela Anacleta...

PEDESTRE, *lendo* – ... Teu marido é um animal...

ANACLETA, *repetindo* – ... Teu marido é um animal...

PEDESTRE, *no mesmo* – ... e tu és um anjo.

ANACLETA, *no mesmo* – ... e tu és um anjo.

PEDESTRE, *no mesmo* – Esta noite irei ver-te...

ANACLETA, *no mesmo* – Esta noite irei ver-te...

PEDESTRE, *no mesmo* – ... e se não tiver a fortuna de encontrar-te...

ANACLETA, *no mesmo* – ... e se não tiver a fortuna de encontrar-te...

PEDESTRE, *no mesmo* – ... deixar-te-ei esta carta...

ANACLETA, *no mesmo* – ... deixar-te-ei esta carta...

PEDESTRE, *no mesmo* – ... para conheceres quanto te amo...

ANACLETA, *no mesmo* – ... para conheceres quanto te amo...

PEDESTRE, *no mesmo* – ... e quanto desprezo o burro do teu marido.”

ANACLETA, *no mesmo* – ... e quanto desprezo o burro do teu marido.

PEDESTRE, *puxando-a para a frente do tablado, encruzando os braços e com grande tranqüilidade* – Que tens que dizer?

ANACLETA – Tudo me persegue...

PEDESTRE – E te crimina. (*Mudando de voz:*) Olha para mim! Reconheces-me?

ANACLETA – Oh, para que deixei eu o Recolhimento para seguir este homem?

PEDESTRE – Já fizeste as tuas orações?

ANACLETA – Que queres tu dizer?

PEDESTRE – Recomenda tua alma a Deus, que eu esperarei um instante. (*Passaia.*)

ANACLETA – Oh, André, André, piedade! Escuta-me! (*Aqui entra Balbina com uma xícara de café.*)

BALBINA – Está o café, meu pai. (*Pedestre dá com a mão na xícara e a atira pelos ares.*) Ah!

PEDESTRE, *voltando-se para Anacleta e desembainhando a espada* – Estás pronta?

ANACLETA, *agarrando-se com Balbina* – Balbina! Balbina!

BALBINA – Ai, ai!

PEDESTRE *puxa Anacleta pelo braço, a qual arrasta Balbina consigo* – Tu vais morrer, mulher infiel, traidora!

ANACLETA, *gritando* – Quem me socorre, quem me socorre?

BALBINA, *ao mesmo tempo* – Meu pai, meu pai!

PEDESTRE – Ninguém agora te arrancaria de minhas mãos! Quero vingar-me! Morre!

ALEXANDRE, *do buraco da porta* – Tenha mão!

PEDESTRE, *ao ouvir esta voz, volta-se e deixa o braço de Anacleta* – Ah, negro, diabo!

ANACLETA, *vendo-se livre, corre para dentro* – Socorro!

PEDESTRE, *conhecendo que foi o negro quem falou, segue a Anacleta, furioso* – Espera, espera! (*Saem ambos de cena.*)

BALBINA – Meu pai, meu pai!

ALEXANDRE, *do buraco da porta* – Psiu, psiu! Balbina, vem cá!

PAULINO, *do armário* – O que será de mim? Misericórdia, que mortandade!

BALBINA, *correndo para Alexandre* – Fuja, fuja; senão, mata-me também!

ALEXANDRE, *do buraco* – Abra a porta, que fugiremos juntos. Já não quero ficar aqui nem um instante.

BALBINA – Ele tirou a chave!

PAULINO, *dentro do armário* – Olé, o negro quer fugir com a moça! Aonde me meti eu!

ALEXANDRE – Balbina, Balbina, o que há de ser de nós? Quem mandou-me cá vir? Mas eu te amo tanto!

PAULINO, *do armário* – O caso é esse, agora percebo: disfarçou-se, pintou-se de negro para cá entrar. Olhem que menino! Se eu não estivesse com tanto medo, ria-me do logro que levou o pedestre. (*Ouve-se dentro gritos e bulha, como de uma pessoa que rola pelas escadas abaixo.*)

BALBINA – Meu Deus, ele matou-a!

ALEXANDRE, *do buraco* – Não é possível!

PAULINO, *no armário, fechando a porta* – Eu desmaio... Quem me acode?

ALEXANDRE – Vai ver, vai ver, já não posso estar aqui... As pernas tremem-me... (*Sai do buraco.*)

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

